

A CONSTRUÇÃO DA MENTE CONSCIENTE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE ANTÓNIO DAMÁSIO

The construction of the Conscious Mind: an analysis from Antonio Damásio's perspective

Thiago Rezende de Deus Cardoso (UFU)¹
Leonardo Ferreira Almada (UFU)²

Resumo: Neste artigo pretendemos discutir a noção de construção da mente consciente a partir da perspectiva de Antonio Damásio. Para isso, centraremos nossa análise em *Self comes to Mind*. Em um primeiro momento é necessário delimitarmos o conceito de consciência na visão de Damásio, visando, com isso, a evitarmos equívocos, na medida em que há várias definições de consciência. Acreditamos que, para uma melhor compreensão acerca do surgimento da mente consciente, é necessário levarmos em consideração os processos evolutivos aos quais o homem está sujeito. A consciência é, pois, fruto de um desenvolvimento evolutivo já bem estabelecido pela ciência. Compreender o desenvolvimento evolutivo do *self* se torna tarefa de suma importância, na medida em que Damásio estrutura sua compreensão de mente consciente a partir do papel desempenhado pelo *self* na tarefa de agregar do *self* é adicionado a um processo mental básico. Quando não ocorre um *self* na mente, conteúdos mentais. Para Damásio, a origem da mente está associada ao momento em que um processo esta mente não é propriamente consciente, o que significa dizer que é o *self* que garante consciência a uma mente. Isso quer dizer que precisaremos discutir de forma clara e distinta o conceito de *self* e seus estágios, para que finalmente possamos entender os passos delimitados por Damásio para discutir a construção da mente consciente.

Palavras-Chave: cérebro, consciência, mente, self, subjetividade

Abstract: In this paper, we intend to discuss the notion of constructing of the conscious mind from Antonio Damasio's view. For this task, our analysis will focus on *Self comes to mind*. At first it is necessary to circumscribe the concept of consciousness in the Damasio's perspective, seeking thereby to avoid equivocity, since there are several definitions of consciousness. We believe that a better understand about the emergence of the conscious mind requires to take into account the evolutionary processes to which man is subject. Consciousness is therefore the result of an evolutionary development already well established by science. The understanding of the evolutionary development of the self is a task of great relevance, since Damasio structures his understanding of the conscious mind from the role of the self in the task of aggregating mental contents. For Damasio, the origin of mind is associated with the moment when a self-process is added to a basic mental process. When does not occur a self in the mind, this mind is not really conscious, which means that is the self that ensures consciousness to a mind. This means that we need to establish a clear and distinct concept of self and its stages, so that finally we can understand the steps defined by Damasio to discuss the constructing the conscious mind.

Keywords: brain, consciousness, mind, self, subjectivity.

¹ Graduando em Filosofia (UFU).

² Doutor em Filosofia (UFRJ), Prof. do PPG em Filosofia (UFU).

1. Introdução

O conceito de *consciência* é uma discussão que perpassa toda a história da filosofia e adentra em outras áreas do conhecimento, tais como a psicologia, neurociência, sociologia dentre outras. Talvez por isso mesmo, não dispomos ainda de uma univocidade consensual em relação a esse fenômeno que é o mais trivial e, ao mesmo tempo, o mais misterioso da vida humana, a saber, a *consciência*. A ideia central deste artigo consiste em tentar definir o conceito de *consciência*, sobretudo na perspectiva de Antonio Damásio. Em todas as suas grandes obras, e particularmente em *E o cérebro criou o Homem*, Damásio se propõe discutir o conceito de consciência em vista da compreensão sobre como ocorre, em nível psicofisiológicos, a construção da mente consciente. É com base na proposta de entender como ocorre em nós a constituição da mente consciente que Damásio busca definir um conceito de consciência capaz de suplantar parte da equivocidade conceitual que tem caracterizado as definições de consciência por parte dos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento que lidam com esse problema.

Em vinte cinco séculos de filosofia, a maioria das definições de *consciência* não supera o paradigma explicativo dualista e, recentemente, é muito comum a consideração de que o materialismo e o dualismo esgotam o campo de possibilidades quanto à definição da consciência. No que diz respeito à tradição dualista de conceber a mente, é impossível não fazermos referência a Descartes, segundo o qual, como se costuma dizer, a consciência é uma substância imaterial que não ocupa lugar no espaço e é, enquanto tal, distinta de toda a matéria corporal.

Propondo-se superar as limitações desse paradigma, a perspectiva de Damásio está clara e eminentemente centrada em uma abordagem científica. Com base em suas investigações experimentais, Damásio defende uma noção de *consciência* como fruto de um evolutivo processo biológico. Com este entendimento, Damásio vai de encontro às grandes perspectivas tradicionais e metafisicamente inspiradas do conceito de *consciência*. Trata-se da compreensão de que o viés ‘explicativo’ dualista está, do ponto de vista histórico, na base das inúmeras distinções de *consciência*, o que, como sabemos, ainda reclama um consenso geral.

Para a realização desse artigo, centraremos-nos em uma perspectiva empiricamente fundada. Sobre isso, cumpre ressaltar que, embora o neurologista Damásio não seja um filósofo de formação, é verdade que, como poucos, consegue congrega, de maneira cientificamente rigorosa e filosoficamente bem fundada, o conceito de *consciência*. Em nossa investigação, averiguamos que, embora muito se tenha avançado no estudo da construção da mente consciente, ainda não existe, nem mesmo na pesquisa empírica, um consenso geral acerca do conceito de *consciência*. Por outro lado, porém, a grande maioria dos neurocientistas concorda em dizer que a mente consciente é construída pelo cérebro sem que, para tanto, comprometam-se necessariamente com o reducionismo. É com base nessa perspectiva não-reducionista que Damásio tem defendido a relevância da relação entre cérebro, corpo-propriadamente-dito (organismo) e meio ambiente. Segue-se daí sua ideia de que a *consciência* não é um “algo dado”, mas um processo que resulta de nossa história evolutiva.

Este artigo foi dividido em duas partes. A primeira parte descreve o conceito de consciência na perspectiva de Damásio, mostrando quais são os elementos essenciais para a construção da mente consciente, tais como mente, *self*, subjetividade e o entendimento que a consciência é fruto de um desenvolvimento evolutivo do qual o homem esteve sujeito. A segunda parte deste artigo é considerada mais técnica na medida em que retrata os termos utilizados pela neurociência atual, mas que nos ajudam a entender a construção da mente

consciente. Ademais, a segunda parte retrata os processos evolutivos pelos quais o *self* passou no desenvolvimento evolutivo do homem. Como fora dito, Damásio acredita que a consciência é fruto de um desenvolvimento evolutivo; assim, é de suma importância descrever este desenvolvimento evolutivo descrito por Damásio. Damásio descreve três etapas evolutivas do *self*, a saber: o *protoself*, o *self central* e o *Self autobiográfico*. Após demonstrar estas três etapas, fica evidente a noção de consciência na perspectiva de Damásio, pois, para ele, o cérebro precisa estar estruturado em uma determinada maneira para que assim surja a mente consciente. Nesta segunda parte, tentamos descrever de forma simples e clara como o cérebro deve estar estruturado, e como a consciência é fruto desta estrutura e resultado final da cadeia evolutiva que o homem está ainda sujeito.

2. A importância da consciência

António Damásio dá início ao primeiro capítulo de *E o cérebro criou o homem* elucidando a importância da consciência para a vida humana, considerando-a não só como um dos fenômenos mais triviais de nossa existência, mas também como a fenomenal faculdade de ter uma mente dotada de um possuidor, por meio da qual nos tornamos capazes de protagonizar nossas próprias existências. Sem a existência desta mente consciente, não haveria sequer como estarmos certos de nossa própria existência³.

Conforme Damásio, o revolucionário surgimento da subjetividade é o que justifica a existência do conhecimento e o fato de sermos capazes de, por meio de nossa mente consciente, “sabermos que sabemos ou conhecemos”. Em outras palavras, não haveria história nem cultura sem o revolucionário surgimento da subjetividade. Trata-se da ideia de que, sem essa mente consciente, o homem sequer poderia ter alguma noção de sua existência e das coisas que lhe rodeiam⁴.

Ao que parece, Damásio busca estabelecer, ainda no momento inicial de sua discussão em *E o cérebro criou o homem*, uma relevante distinção entre os conceitos de mente e consciência, surgindo daí a necessidade que se lhe impõe de proceder à seguinte questão: de que é feita a consciência? Uma primeira resposta é a seguinte: a consciência parece ser a mente com algo a mais. Afinal, não podemos estar conscientes sem possuir uma mente da qual estejamos conscientes⁵. Surge então o seguinte problema: de que é feita a mente? A mente provém do ar ou do corpo? A resposta mais imediata, e ainda pouco elucidativa, é a seguinte: o cérebro não só produz uma mente e uma vida mental, mas uma mente plenamente consciente. Damásio tem, então, que lidar com um problema ainda mais profundo, a saber: de que maneira ocorre isso?⁶

É intrigante constatar que, em nossa vida cotidiana, podemos observar as ações de outras pessoas e, dentre outras coisas, ouvir o que elas têm a dizer sem que, para que tudo isso ocorra, possamos “ver” suas mentes. Se considerássemos que a mente não se reduz ontologicamente ao cérebro, poderíamos afirmar que não temos acesso às “mentes dos outros” nem por meio das tecnologias de neuroimagem e tampouco por intermédio de procedimentos experimentais neuropsicológicos. Pelo exercício da introspecção (se é que tal “exercício” apresenta alguma eficácia) somos no máximo capazes de observar nossa própria mente.

Ainda que nossos primeiros parágrafos possam sugerir certa descrença quanto à possibilidade de um efetivo “conhecimento” acerca da estrutura e da natureza da mente consciente, não se trata aqui de conceber que os “segredos da mente consciente” não possam ser solucionados. É bem verdade que as ciências do cérebro em geral têm galgado

³ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15.

⁴ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 16-17.

⁵ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 17.

⁶ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18.

passos importantes para a solução de diversos mistérios relativos à mente consciente⁷. Em outras palavras, “dizer que mente consciente é misteriosa – e ela é mesmo – não significa dizer que o mistério é insolúvel”. Afinal, tudo isso não significa dizer que “nunca seremos capazes de compreender como um organismo vivo dotado de cérebro adquire uma mente consciente”⁸.

Em *E o cérebro criou o Homem*, Damásio sugere que sua preocupação central consiste em tentar responder à pergunta: como o cérebro constrói a mente? Trata-se da pergunta anunciada acima, no caso, “de que maneira ocorre isso?”, isto é, de que maneira a mente é uma construção do cérebro? Damásio entende que não existem ainda respostas definitivas na medida em que o tema tem sido ainda objeto de controvérsias entre diversas áreas do conhecimento. Por outro lado, Damásio define como um de seus objetivos o de refletir sobre as conjecturas filosóficas e científicas e, em consequência, discutir um conjunto de hipóteses sobre o que é a consciência. Mais especificamente, os esforços empreendidos por Damásio em sua última publicação consistem na averiguação do modo como o cérebro humano deve estar estruturado e como ele precisa funcionar para que assim surja a mente consciente⁹. Para tanto, Damásio reconhece e enuncia dois importantes legados para todo aquele que se proponha investigar a natureza da consciência e de como o cérebro produz a mente consciente: o primeiro deles remete a todas as tentativas anteriores de descobrir uma base neural da consciência. O segundo legado diz respeito àqueles que buscaram conceituar as noções de mente e consciência, o que inclui o modo como vários autores defenderam suas teses ao longo da história da filosofia e das neurociências¹⁰.

3. A importância do Self

Damásio tem defendido que a pesquisa sobre a constituição da mente consciente deve privilegiar de maneira significativa a noção de *self*¹¹. Afinal, conforme Damásio, a origem da mente está associada ao momento em que um processo do *self* é adicionado a um processo mental básico. Quando não ocorre um *self* na mente, esta mente não é propriamente consciente, o que significa dizer que é o *self* que garante consciência a uma mente. Mas, se existe um *self*, podemos ou não dizer que ele está presente sempre que estamos conscientes? Podemos dizer que ele está presente mesmo quando não estamos conscientes?¹²

Existem muitas respostas para esta pergunta, e as respostas costumam ser inequívocas. Uma primeira forma de assumir posição inequívoca em relação ao *self* consiste em tratá-lo como um processo, e não como uma coisa ou substância. Decerto, tal processo esta presente em todos os momentos que estamos conscientes. O processo do *self* pode ser concebido de duas maneiras: (a) a primeira delas é a do observador que aprecia o objeto dinâmico, o qual consiste em (i) certos funcionamentos da mente, (ii) certas características de comportamento e (iii) certa história de vida; (b) a outra perspectiva é a do *self* como conhecedor, o processo que dá foco ao que vivenciamos, e que por fim nos permite refletir sobre essa vivência¹³. Combinando as duas perspectivas, teremos a noção dual de *self* que será usada no decorrer de *E o cérebro criou o Homem*. Sobre isso, Damásio defende a ideia segundo a qual as duas noções de *self* correspondem a estágios do desenvolvimento evolutivo do *self*, no qual o *self-conhecedor* originário ou decorrente do *self-objeto*¹⁴.

⁷ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18.

⁸ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18.

⁹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 19.

¹⁰ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 19-20.

¹¹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 20.

¹² DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21.

¹³ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21.

¹⁴ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21.

Damásio resgata William James com a intenção de demonstrar sua própria concepção acerca do conceito de *self-objeto*. James afirmava que o *self-objeto* é a soma de tudo aquilo que o homem chamava de seu, “não só seu corpo e suas faculdades psíquicas, mas também suas roupas, sua esposa e seus filhos, além de antepassados e amigos, reputação e obras, terras e cavalos, iate e conta bancária”¹⁵. Segundo James, o que permite que a mente saiba que estes domínios existem e pertencem a um proprietário mental é que a percepção de qualquer desses elementos gera emoções e sentimentos, e, de acordo com essa ideia, os sentimentos ensinam a separação entre os conteúdos que pertencem ao *self* e os que não pertencem¹⁶.

No que concerne à definição do *self* material, isto é, do *self* objeto, Damásio nós da à seguinte definição: “uma coleção dinâmica de processos neurais integrados, centrada na representação do corpo vivo, que encontra expressão em uma coleção dinâmica de processos mentais integrados”¹⁷. Por sua vez, conforme Damásio, o *self-conhecedor* é uma presença mais difícil de definir, na medida em que o *self-conhecedor* é menos coeso em termos mentais ou biológicos do que o *self-objeto*. Mas isso não diminui a importância do *self-conhecedor* perante a consciência. O *self-conhecedor* é uma presença real e é uma cria da evolução biológica na qual o homem está inserido. Para Damásio não existe uma dicotomia entre *self-objeto* e *self-conhecedor*; na verdade, o que existe é uma continuidade e progressão. O *self-objeto* é visto por Damásio como o alicerce do *self-conhecedor*, pois o *self-conhecedor* precisa operar com dados que lhe são fornecidos pelo *self-objeto*¹⁸.

Operar com dados, portanto, não é a tarefa exclusiva da consciência. A consciência não se resume a simples imagens no cérebro. Por outro lado, a consciência pode ser considerada como uma organização de conteúdos mentais centrada em um organismo que produz e motiva esses conteúdos. Orientar estas imagens na perspectiva do organismo também faz parte deste processo de organização de conteúdos mentais. Para Damásio, um simples fluxo de imagens organizadas produz uma mente; porém, a menos que algum processo suplementar seja adicionado, a mente permanece inconsciente. O que falta nessa mente consciente é, consoante Damásio, o *self* que serve de agregador de tais imagens¹⁹. O que o cérebro precisa para se tornar consciente é a capacidade de adquirir uma propriedade, a qual Damásio chama de *subjetividade*. Eis então que se mostra o seguinte problema: qual é a característica principal da subjetividade? Em poucas palavras, a característica principal da subjetividade é o sentimento que impregna as imagens que experienciamos subjetivamente²⁰.

O passo decisivo para se ter consciência e tornar nossas essas imagens é fazer com que tais imagens pertençam ao seu “legítimo dono”, a saber, o “organismo singular e perfeitamente delimitado em que elas surgem”²¹. Quando o cérebro consegue introduzir um conhecedor na mente, ocorre enfim a subjetividade²². Como outras características orgânicas do ser humano, a subjetividade é também um processo que atingiu sua natureza, estrutura e potencialidade a partir de uma história evolutiva, e atendendo às demandas de nossos princípios de regulação biológica e de valoração da vida.

Por milhões de anos, inúmeros seres eram possuidores de mentes ativas, mas só naqueles em que se desenvolveu um *self* capaz de atuar como testemunha da sua própria mente é que a sua existência foi reconhecida, e somente depois que essas mentes desenvolveram linguagem e vivenciaram para nos contar que se tornou amplamente

¹⁵ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 22.

¹⁶ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 22.

¹⁷ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 22.

¹⁸ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 23.

¹⁹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 23.

²⁰ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 23-24.

²¹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 24.

²² DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 24.

conhecida a existência da mente. Portanto, a poesia, a arte, a filosofia e a ciência são resultantes de processos que tornaram amplamente conhecida a existência da mente²³. Muito provavelmente, as culturas e as civilizações não teriam surgido na ausência de consciência, o que faz da consciência um acontecimento notável — e talvez o mais notável — na evolução biológica²⁴.

4. Equívocos do dualismo

Damásio então delinea os possíveis e mais comuns equívocos cometidos nas investigações sobre a natureza da consciência. Um erro consiste em “ver a mente de cima”: por meio dessa perspectiva, a mente adquire um status especial, separada do resto do organismo ao qual ela pertence. Por meio desse “ver a mente de cima”, intenciona-se ver a mente como um fenômeno diferente de todo aquele o qual se encontra nos tecidos biológicos e nas funções do organismo que a gera. Ou seja, ver a mente como um fenômeno não físico separado do organismo é o que muitos autores sustentaram, tendo por consequência a equivocada tendência em apartar a mente das leis da física²⁵. A mais assombrosa manifestação dessa singularidade é a tentativa de relacionar a mente consciente a propriedades da matéria até agora não descritas. Segundo Damásio, nossa intuição nos diz que as efêmeras e voláteis atividades da mente não têm extensão alguma. Todavia, essa presunção é falsa: basta analisar que o cérebro é o produtor da mente, e como o cérebro é um órgão material, só pode gerar coisas materiais²⁶. Damásio, aqui, certamente se reporta ao equívoco gerado pela concepção cartesiana de mente, a qual “vê a mente de cima” por meio de sua concepção imaterial de mente. Essa é a concepção clássica enunciada por Descartes na Segunda de suas *Meditações*: Eu sou, eu existo: isto é certo, mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo que eu penso; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito que agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida. Ora, eu sou uma coisa e uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa²⁷.

A maior parte do progresso feito até o presente momento na neurobiologia da mente consciente baseou-se em três perspectivas: (i) a perspectiva de testemunha direta da mente consciente individual, que é pessoal, privada e única; (ii) a perspectiva comportamental, que nos permite observar as ações indicativas de outros que supostamente também possuem mente consciente; e (iii) a perspectiva do cérebro que nos permite estudar certos aspectos do funcionamento cerebral em indivíduos cujos estados mentais conscientes presumivelmente estão ou presentes ou ausentes²⁸. Todavia, Damásio acredita ser necessária uma quarta perspectiva, a qual consiga suprir estas prerrogativas²⁹. Tal prerrogativa nos atenta para a mudança radical em relação a como a história da mente consciente é contada.

Em diversos trabalhos anteriores, Damásio já tentara defender que os alicerces do *self* e da consciência residem em nossos mecanismos de regulação biológica da vida, o que sugeriu a necessidade de buscar os antecedentes do *self* e da consciência em nosso passado

²³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 26.

²⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 27.

²⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28.

²⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28.

²⁷ DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas: Objeções e Respostas*. In: DESCARTES, René. *Obra Escolhida*. 3. ed. Introdução de Gilles-Gaston Granger, prefácio e notas de Gerard Lebrun, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994/1641, p. 128.

²⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29.

²⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 30.

evolucionário. Daí porque a quarta perspectiva requer que consideremos primeiro os organismos mais antigos e que percorramos gradualmente a história evolucionária até chegarmos aos organismos atuais³⁰.

Essa quarta perspectiva implica também uma hipótese sobre o funcionamento interno, a saber: a hipótese segundo a qual os fenômenos mentais são equivalentes a certos estados de circuitos cerebrais. Isso quer dizer que alguns padrões neurais são simultaneamente imagens mentais. Quando outros padrões neurais geram um processo do *self* suficientemente rico, as imagens podem se tornar conscientes. Entretanto, se não for gerado um *self*, as imagens ainda assim existem, muito embora ninguém no interior ou no exterior do organismo saiba de sua existência. A subjetividade não é essencial para que existam estados mentais, mas apenas para que eles sejam conhecidos na esfera privada³¹.

Segundo Damásio, todo organismo que produz as células especiais que chamamos de neurônios são capazes de construir uma mente. Por um lado, os neurônios têm muitas características especiais que compartilham com as outras células do nosso corpo. Grande parte dos neurônios se concentra no sistema nervoso *central*, mas especificamente no cérebro; entretanto, os neurônios enviam sinais para todo o organismo e também ao mundo exterior, assim como recebem sinais de ambos, a saber, do organismo e do mundo exterior³². A mente, segundo Damásio, surge quando a atividade de pequenos circuitos se organiza em grandes redes, de modo a compor padrões momentâneos. Esse padrão ao qual Damásio faz referência representa objetos e fenômenos situados (i) fora do cérebro, (ii) no corpo (mundo interior) ou (iii) no mundo exterior; por outro lado, alguns padrões representam o processamento cerebral de outros padrões. O uso que Damásio faz do termo “mapa” se aplica a todos estes padrões representativos. Em termos mais precisos, o cérebro mapeia o mundo ao seu redor e mapeia o seu próprio funcionamento. Com efeito, estes mapas servem como imagens em nossas mentes; é importante, no entanto, compreender que o termo imagem não se refere somente às imagens visuais, mas a todas as imagens que são capturadas por todos os nossos sentidos³³.

A principal tese de Damásio quanto ao surgimento da mente consciente reside na importante consideração de que o corpo é o alicerce da mente consciente. Trata-se, em última instância, da ideia conforme a qual os aspectos mais estáveis do funcionamento do corpo são representados no cérebro em forma de mapas, contribuindo assim com imagens para a mente. Isso serve de base para Damásio formular a hipótese de que o tipo especial de imagens mentais do corpo produzidas nas estruturas mapeadoras do corpo constitui o *protoself* que prenuncia o *self*³⁴.

É preciso ressaltar, no entanto, que as estruturas cerebrais não são meramente referentes ao corpo. Estas estruturas, segundo Damásio, estão “ligadas” ao corpo, que, por sua vez, “bombardeia” o cérebro com seus sinais. Esse processo recíproco de troca de sinais ocorre em todos os momentos, assim criando o que Damásio chama de “alça ressonante”. Trata-se de uma “alça” perpétua, podendo ser interrompida somente em caso de doenças ou de morte. Assim, podemos afirmar com tranquilidade que o corpo e o cérebro se interligam, ou seja, fazem parte de um só e o mesmo organismo. O corpo é a “rocha” sobre a qual se assenta o *protoself*, e o *protoself* é, para Damásio, o eixo em torno do qual gira a mente consciente³⁵.

5. Sentimentos primordiais

³⁰ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 30.

³¹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 30.

³² DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32.

³³ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32-33.

³⁴ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 36.

³⁵ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 36.

O produto elementar do *protosself* são os *sentimentos primordiais* que ocorrem de modo espontâneo sempre que estamos acordados. Estes sentimentos nos proporcionam uma experiência direta de nosso corpo vivo. Os *sentimentos primordiais* refletem o estado corrente do corpo em várias dimensões, como sugere Damásio: “na escala que vai da dor ao prazer, e se originam no nível do tronco cerebral e não no córtex frontal”³⁶. Nesta estrutura delineada por Damásio, dor e prazer são fenômenos corporais. Ademais, tais fenômenos são mapeados pelo cérebro, de sorte que os *sentimentos primordiais* podem ser concebidos como um tipo especial de imagem, gerado graças a esta interação entre o corpo e o cérebro³⁷.

Anatomicamente falando, e segundo Damásio, o cérebro começa a construir a mente consciente não no nível do córtex, mas do tronco cerebral. A mente consciente que conhecemos é distinta da mente consciente que surge no tronco cerebral. Os córtices cerebrais dotam o processo de geração da mente de uma profusão de imagens que não conseguimos conceber simplesmente pela imaginação³⁸.

A mente consciente começa a surgir quando o *self* nasce na mente, isto é, quando o cérebro adiciona um processo a mais nos ingredientes da mente. O *self*, segundo Damásio, é construído em passos distintos, tendo seu alicerce no *protosself*. O primeiro passo é a geração de *sentimentos primordiais* que são elementares de existência, e que surgem naturalmente no *protosself*³⁹.

Damásio faz referência ao *self* material com o intuito de fortalecer seu raciocínio. O *self central* se refere à ação, ou seja, às relações entre organismo e objetos. O *self central* manifesta-se em uma sequência de imagens do qual o *self central* está se ocupando. Assim, com a junção entre *protosself* e *self central*, teremos a noção de *self autobiográfico*: este *self* é definido como o conhecimento biográfico relacionado ao passado e ao futuro antevisto⁴⁰.

Segundo as palavras de Damásio, o *self* e a *consciência* não acontecem em níveis modestos ou robustos em determinada área ou região do cérebro. Com isso, Damásio quer dizer que a consciência resulta da articulação entre diversas áreas do cérebro. Mas Damásio ressalta que áreas como o tronco cerebral superior e um conjunto de núcleos em uma região conhecida como tálamo têm grande relação para que assim surja um funcionamento tal capaz de dar origem e estrutura à consciência⁴¹.

Provavelmente, mostra Damásio, o produto final da *consciência* provém desses numerosos locais do cérebro, e não de um local específico. Basta pensarmos em uma orquestra sinfônica: uma orquestra não resulta somente de um músico, mas de uma *estrutura* de músicos em geral. Diferentemente de uma orquestra, na *consciência* é notória a ausência de um maestro antes mesmo da formação desta “orquestra”, embora surja um regente conforme a execução vai acontecendo. Com essa relação metafórica entre consciência e orquestra sinfônica, Damásio quer mostrar que a *consciência* é resultado de uma estrutura, e que tal estrutura se deve a uma série de razões. Nesse sentido, a *consciência* não é algo dado, mas o resultado de uma organização cerebral⁴².

A mente consciente emerge na história da regulação biológica. A regulação da vida, que é um processo dinâmico conhecido como homeostase, começa em seres unicelulares, como uma célula bacteriana ou uma simples ameba, isto é, em seres que não possuem cérebro, mas que são capazes de comportamento adaptativo⁴³.

³⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 37.

³⁷ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 37.

³⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 38.

³⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 39.

⁴⁰ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 38-39.

⁴¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 39.

⁴² DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 40-41.

⁴³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 42.

A marcha do progresso da mente não termina com o surgimento dos níveis modestos do *self*. Ao longo de toda a evolução dos mamíferos, especialmente dos primatas, a mente se torna cada vez mais complexa; a memória e o raciocínio expandem-se em um grau notável, e os processos do *self* ganham abrangência. A mente consciente dos seres humanos – munidas com esses tipos complexos de *self* – é apoiada por capacidades ainda maiores de memória, raciocínio e linguagem, o que engendra os instrumentos da cultura e abre caminho para novos modos de homeostase nas esferas da sociedade e da cultura⁴⁴.

A homeostase básica é guiada de modo não consciente, ou seja, é criada e guiada por mentes conscientes reflexivas que atuam como um “zelador” do valor biológico. A variedade básica e sociocultural da homeostase está separada por bilhões de anos de evolução, e, no entanto, promove o mesmo objetivo, a saber, a sobrevivência de organismos vivos, embora em diferentes nichos ecológicos⁴⁵.

Ver a mente consciente pela ótica da evolução – desde as formas de vida simples até os organismos complexos e hipercomplexos como o nosso – ajuda a naturalizar a mente, e demonstra que a mente resulta de um aumento progressivo da complexidade no idioma básico⁴⁶.

Damásio concebe, pois, a consciência humana e as funções que a possibilitou (linguagem, memória, raciocínio, criatividade, ou seja, todo nosso edifício cultural) como “zeladoras” do valor nas criaturas modernas acentuadamente mentais e sociais que somos⁴⁷. Sobre isso, podemos imaginar um longo cordão umbilical ligando a mente consciente — ainda mal separada de suas origens e eternamente dependentes delas — aos reguladores profundos, elementares e inconscientes do princípio de valor biológico⁴⁸.

Segundo Damásio, a história da consciência não pode ser contada de modo convencional. A consciência surgiu por causa do valor biológico, como um auxiliar capaz de fazer com que o valor biológico fosse administrado com mais eficácia. Todavia, a consciência não inventou o valor biológico nem o processo de valoração. Na mente humana, a consciência revelou o valor biológico, permitindo o desenvolvimento de novos caminhos e novos meios de administrá-lo⁴⁹.

Para Damásio, entender as circunstâncias em que a mente consciente surgiu na história da vida, e mais especificadamente como ela se desenvolveu na história humana, permite-nos julgar, talvez com mais sabedoria do que antes, a qualidade dos conhecimentos e conselhos que essa mente consciente nos fornece. Mas ficam algumas perguntas tais como: Serão sensatos esses conselhos? Há vantagem em entender os mecanismos por trás da mente que nos guia?⁵⁰.

Elucidar os mecanismos neurais por trás da mente consciente revela que nosso *self* nem sempre é sensato, e nem sempre está no controle de todas as decisões. Mas os fatos também nos autorizam a rejeitar a falsa impressão de que nossa faculdade de deliberar conscientemente é um mito. Elucidar os processos mentais conscientes e não conscientes aumenta a possibilidade de fortalecer nosso poder de deliberação. O *self*, segundo Damásio, abre caminho para a deliberação e para a aventura da ciência⁵¹.

Explicar a mente consciente a partir das leis naturais e situá-la firmemente no cérebro não diminui o papel da cultura na construção dos seres humanos, não reduz a

⁴⁴⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 43.

⁴⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 44.

⁴⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 44.

⁴⁷ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 44.

⁴⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45.

⁴⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45.

⁵⁰ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45.

⁵¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45-46.

dignidade humana na construção dos seres humanos, e tampouco assinala o fim da perplexidade⁵².

Por fim, situar a construção da mente consciente na história biológica e da cultura abre caminho para conciliar o humanismo tradicional com a ciência moderna. Assim, quando a neurociência explora a experiência humana nos estranhos mundos da fisiologia do cérebro e da genética, a dignidade humana não é mantida, mas reafirmada⁵³.

6. A construção da mente consciente

Segundo Damásio, é desnecessário dizer que a construção da mente consciente se dá através de um processo muito complexo. Com isso, Damásio quer dizer que nenhum mecanismo ou dispositivo isolado pode gerar a mente consciente: “As diversas partes do quebra cabeça da consciência devem ser examinadas uma a uma e ter sua importância reconhecida antes que possamos aventurar uma explicação abrangente”⁵⁴. Em *E o cérebro criou o homem*, Damásio demonstra duas hipóteses gerais para melhor explicar seu pensamento acerca da construção da mente consciente:

A primeira específica que o cérebro constrói a consciência gerando um processo do *self* em uma mente em estado de vigília. A essência do *self* é o enfoque da mente sobre o organismo material que ele habita. A segunda parte da hipótese supõe que o *self* é construído em estágios. O estágio mais simples tem origem na parte do cérebro que representa o organismo (*protosself*) e consiste em uma reunião de imagens que descreve aspectos relativamente estáveis do corpo e gera sentimentos espontâneos do corpo vivo (os sentimentos primordiais). O segundo estágio resulta do estabelecimento de uma relação entre o organismo (como ele é representado pelo *protosself*) e qualquer parte do cérebro que represente um *objeto a ser conhecido*. O resultado é o *self central*. O terceiro estágio permite que múltiplos objetos, previamente registrados como experiência vivida ou futuro antevisto, interajam com o *protosself* e produzam pulsos de *self central* em profusão. O resultado é o *self autobiográfico*. Os três estágios são construídos em espaços de trabalho separados, mas coordenados. São os espaços de imagem, a arena onde se dá a influência da percepção corrente e das disposições contidas em regiões de convergência-divergência⁵⁵.

Os processos do *self*, segundo Damásio, eram especialmente eficientes para orientar e organizar a mente em função das necessidades homeostáticas de seus organismos, de modo a aumentar as chances de sobrevivência. O pensamento de Damásio sempre está estruturado na vida. É preciso pensar em um organismo que constitui um corpo propriamente dito, para que, assim, possamos elencar as hipóteses levantadas por Damásio. Assim, cabe dizer que os processos do *self* estão relacionados com a seleção natural e, portanto, prevaleceram na evolução⁵⁶.

Nesta “construção da mente consciente”, é notório a dependência da mente em relação a estas etapas da evolução, na qual, em fases iniciais, os processos do *self* provavelmente não geravam a consciência: estamos pensando aqui no conceito amplo de consciência. No nível do *self central*, que é considerado mais complexo do que o nível do *protosself*, começou-se o processo de geração de subjetividade na mente, a qual pôde enfim qualificar a consciência. Um pouco mais à frente na história evolutiva, começaram a surgir estruturas neurais mais complexas, a partir das quais a mente adquiriu a capacidade de

⁵² DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45-46.

⁵³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 47.

⁵⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 224.

⁵⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 225-226.

⁵⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 226.

obter e acumular conhecimentos adicionais sobre o organismo individuais e seu meio ambiente. Para Damásio, a consciência começou a existir depois que esses conhecimentos foram categorizados, ou seja, depois que passamos a simbolizar o conhecimento de várias formas⁵⁷.

Quando Damásio opta pelo estudo da consciência por intermédio do *self*, sua pretensão não é a de diminuir ou negligenciar a abrangência da mente em si mesma. Para Damásio, priorizar o *self* se deve ao fato de a mente consciente ter prevalecido na história da evolução natural e da consciência ter aperfeiçoado a regulação da vida. Em cada mente consciente, o *self* é o primeiro representante dos mecanismos de regulação da vida⁵⁸.

Os ingredientes básicos da construção da mente consciente, segundo Damásio, são a *vigília* e as *imagens*. Sobre a *vigília*, Damásio concebe que ela depende do funcionamento de certos núcleos do tegmento do tronco cerebral e do hipotálamo. Por meio de trajetos neurais e químicos, esses núcleos exercem influência sobre o córtex cerebral. O trabalho dos núcleos do tronco cerebral é assistido pelo tálamo, embora alguns núcleos influenciem diretamente o córtex cerebral. Eis como Damásio se posiciona em relação a esta questão:

O delicado equilíbrio da *vigília* depende de uma estreita interação entre hipotálamo, tronco cerebral e córtex cerebral. A função do hipotálamo guarda forte relação com a quantidade de luz disponível, a parte do progresso de *vigília* cuja perturbação causa o *Jet lag* quando chegamos de viagem depois de atravessar vários fusos horários. Por sua vez, essa operação é estreitamente associada aos padrões de secreção hormonal ligados, em parte, a ciclos de dia-noite. Os núcleos hipotalâmicos controlam o funcionamento de glândulas endócrinas por todo o organismo – pituitária, tireóide, adrenais, pâncreas, testículos, ovários⁵⁹.

O estado de *vigília* não é um estado isolado, já que tal operação acontece por meio da interação entre diversas partes do cérebro. Analisando estas afirmações, acabamos por ver o quanto Damásio é preciso ao reconhecer que a construção da mente consciente não se dá apenas por este ou por aquele mecanismo. Ademais, Damásio não é “cerebralista”, pois consegue reconhecer a importância do resto do corpo propriamente dito e, mais do que isso, tem sido capaz de conceber a mente como resultado da interação do organismo com o meio ambiente, interno e externo.

No que diz respeito às *imagens*, Damásio demonstra que elas são a fonte dos objetos a serem conhecidos na mente consciente, quer se trate de objetos situados no mundo exterior, quer pertençam ao corpo propriamente dito. Com isso, Damásio quer dizer que há processos de formação de imagens em todas as nossas localidades sensoriais. E isso vale para qualquer objeto ou ação que esteja sendo processado no interior de nosso cérebro, presente no momento ou evocado⁶⁰. Com essas imagens, o cérebro tem a capacidade de mapear o seu próprio funcionamento: “Com efeito, a voraz mania que nosso cérebro tem de produzir mapas leva-o a mapear o seu próprio funcionamento – novamente, a falar consigo mesmo”. Esses mapas que o cérebro faz sobre seu próprio funcionamento são a principal fonte de imagens abstratas que descrevem a localização espacial dos objetos. E, segundo Damásio, estas imagens podem ser convertidas em descrições matemáticas ou em qualquer tipo de deliberação. Essas imagens são o alicerce para a construção do nosso conhecimento; por isso, discutir o conceito de imagem se torna uma tarefa importante, na medida em que estas imagens ajudam na construção da mente

⁵⁷ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 226.

⁵⁸ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 227.

⁵⁹ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 231.

⁶⁰ DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 232.

consciente⁶¹. Sobre a importância das imagens na construção da mente consciente, Damásio afirma que:

A Hipótese de trabalho já apresentada supõe que a mente consciente surge do estabelecimento de uma relação entre o organismo e o objeto a ser conhecido. Mas como é que o organismo, o objeto e a relação são implementados no cérebro? Os três componentes são feitos de imagens. O organismo também, embora suas imagens sejam especiais. Quanto ao conhecimento que constitui um estado do *self* e permite o surgimento da subjetividade que constitui um estado de imagens. Toda a urdidura de uma mente consciente é criada com o mesmo fio: imagens geradas pelas capacidades mapeadoras do cérebro⁶².

Damásio acredita que todos os conhecimentos referidos à consciência são imagens; entretanto, nem todas as imagens “nascem iguais” naquilo que diz respeito às origens neurais ou fisiológicas. O enfoque de Damásio diz respeito às regiões produtoras destas imagens⁶³. Por essa razão, trabalharemos, no próximo tópico, com a noção de *protoself*.

7. Protoself

Voltemos ao *protoself* para entendermos os estágios de evolução que o *self* passou para que assim surgisse uma mente consciente. Segundo Damásio, o *protoself* é a base necessária para a construção do *self central*, e em sua perspectiva o *protoself* é “uma coleção integrada de padrões neurais separados que mapeiam, momento a momento, os aspectos mais estáveis da estrutura física do organismo”. Visando a esta perspectiva, Damásio acredita que os mapas do *protoself* são caracterizados por gerar imagens corporais *sentidas*, as quais são chamados por Damásio de *sentimentos primordiais*⁶⁴.

Para a construção do *protoself*, existem diversos elementos que devem ser elencados a saber: (i) os mapas introspectivos gerais, (ii) os mapas gerais do organismo, (iii) e os mapas dos portais sensoriais direcionados para o exterior. Do ponto de vista anatômico do cérebro, estes mapas tanto provêm do tronco cerebral quanto das regiões corticais. O estado básico para o desenvolvimento do *protoself* é uma média do seu componente interoceptivo e de seu componente dos portais sensoriais. A integração de todos estes mapas diversificados e espacialmente distribuídos ocorrem por uma sinalização recíproca em uma mesma janela temporal. Vale ressaltar que não existe um sítio específico no cérebro para remapear estes diversos componentes⁶⁵. Consideremos individualmente cada um dos “contribuidores” do *protoself*.

8. Mapas interoceptivos gerais

Segundo Damásio, mapas interoceptivos gerais são mapas e imagens cujos conteúdos se formam a partir dos sinais interoceptivos procedentes do meio interno e das vísceras. Estes sinais interoceptivos dão informações ao sistema nervoso central sobre o estado corrente do organismo, que pode variar entre “ótimo, costumeiro ou problemático”, nas palavras do próprio Damásio. Os sinais interoceptivos nos indicam a necessidade de

⁶¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 233.

⁶² DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 233.

⁶³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 235.

⁶⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 236.

⁶⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 236.

correções fisiológicas, ou seja, de algo que se materializa em nossa mente, como sensações de sede ou de fome. Estes sinais interoceptivos participam também de estados hedônicos que são estados correspondentes ao prazer⁶⁶.

Damáσιο ressalta a importância do tronco cerebral, pela demonstração de que o tronco cerebral não é apenas um local de passagem dos sinais corporais a caminho do córtex cerebral. Para Damáσιο, encontro no tronco cerebral uma estação de decisão que é capaz de perceber mudanças e responder de modos predeterminados, mas modulados, neste nível. Nesse sentido, esse maquinário de decisão contribui para a construção dos *sentimentos primordiais*; assim, tais sentimentos são mais do que simples “retratos” do corpo⁶⁷.

Para Damáσιο, os *sentimentos primordiais* são um subproduto de um modo específico de organização de núcleos do tronco cerebral e de sua comunicação ininterrupta com o corpo. Os *sentimentos primordiais* precedem todos os outros sentimentos, na medida em que eles se referem à exclusividade ao corpo vivo que é interligado ao tronco cerebral. Todos os *sentimentos primordiais* representam variações dos *sentimentos primordiais* correntes. Nesse sentido, todos os *sentimentos primordiais* são causados pela interação de objetos com o organismo e com suas variações de *sentimentos primordiais* correntes. Os *sentimentos primordiais* e suas variações emocionais geram um “coro observador” que acompanha todas as outras imagens em curso na mente⁶⁸.

Damáσιο tem a convicção de que o sistema interoceptivo tem uma importância imensurável para a construção da mente consciente. Os sistemas neste processo são, em grande medida, independentes, e eles surgem e constituem um tipo especial de *input* que está presente logo no início do desenvolvimento e durante toda a infância e a adolescência. A interocepção é uma fonte para a relativa invariância que é necessária ao estabelecimento de algum tipo de andaime estável para sustentar aquilo que por fim se constituirá o *self*⁶⁹.

Damáσιο demonstra que o *self* é um processo singular e que precisamos identificar um modo biológico plausível para alicerçar sua singularidade. À primeira vista, o corpo propriamente dito já deveria fornecer essa singularidade biológica. A prova disso é que vivemos em um corpo, não em dois, e que temos uma mente que corresponde a este corpo, além de termos um *self* que corresponde a ambos. Entretanto, esta plataforma singular e básica não pode corresponder ao corpo inteiro porque o corpo está em constante movimento: basta observarmos que crescemos por volta de até os 21 anos de idade. Nesse sentido, a base a ser buscada não se encontra no corpo como um todo, e estas bases devem ser buscadas em setores do corpo que mudam minimamente ou que não sofrem mudança alguma. O meio termo desta procura se encontra em muitos parâmetros viscerais que praticamente mudam muito pouco no decorrer da vida⁷⁰.

Os mapas gerais do organismo representam o organismo inteiro em repouso, com seus principais componentes, a saber: cabeça, tronco e membros. Os movimentos do corpo são mapeados em relação a esse mapa em geral. A diferença dos mapas interoceptivos com os mapas gerais do organismo é que os mapas gerais do organismo sofrem mudanças radicais durante o desenvolvimento, porque retratam o sistema musculoesquelético e seus movimentos. Necessariamente, esses mapas seguem o aumento do corpo e as variações de amplitude e a qualidade dos movimentos corporais. O resultado disso é que os mapas em geral do organismo não são a fonte ideal da singularidade requerida para a construção do *protoself*⁷¹. Segundo Damáσιο, o sistema

⁶⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 237.

⁶⁷ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 237.

⁶⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 239.

⁶⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 240.

⁷⁰ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 240.

⁷¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 242.

interoceptivo geral tem de se encaixar na estrutura global do esquema geral do organismo que constitui cada fase de crescimento.

9. Mapas dos portais sensoriais direcionados para o exterior

A representação dos vários portais sensoriais do corpo, como as regiões corporais que contêm os olhos, as orelhas, a língua, o nariz é um caso separado e especial de um mapa geral do organismo. Para Damásio, os mapas de portais sensoriais têm um duplo papel: o primeiro papel diz respeito à construção da perspectiva que é um aspecto fundamental da consciência; o segundo ponto importante é a construção de aspectos qualitativos da mente. Segundo Damásio, um dos aspectos curiosos da nossa percepção de um objeto é a primorosa relação a qual estabelecemos entre os conteúdos mentais que correspondem à parte do corpo usada na respectiva percepção. Na perspectiva de Damásio, o conjunto destas estruturas (olhos, orelhas, língua e nariz) é o conjunto de estruturas corporais que ele chama de “portal sensorial”⁷². Este complexo funcionamento dos portais sensoriais pode contribuir para os erros que as crianças e adultos às vezes cometem com relação à percepção de um fenômeno. Damásio nos oferece o seguinte exemplo: “afirmar que determinado objeto foi primeiro visto e depois ouvido, quando ocorreu o oposto”. Esse fenômeno é conhecido como erro na atribuição de fonte. Todos estes portais sensoriais têm um papel fundamental na definição da perspectiva de mente em relação ao resto do mundo. Damásio quer dizer com isso que todos nós experienciamos na mente “ter um referencial” para o que quer que esteja ocorrendo fora da mente:

Os portais sensoriais próximos dos quais são coligidos os dados para a produção de imagens fornecem a mente o referencial do organismo em relação ao objeto. O referencial é extraído do grupo de regiões do corpo em torno das quais a percepção surge. Esse referencial só é corrompido em condições anormais que podem resultar de doença cerebral, trauma psicológico ou manipulações com dispositivos de realidade virtual⁷³.

Na concepção de Damásio, a perspectiva do organismo tem alicerces em várias fontes, a saber: visão, paladar, audição, equilíbrio espacial e olfato, todos dependentes de portais localizados na cabeça, os quais funcionam como uma espécie de dispositivo multidimensional que está pronta para examinar o mundo. O que Damásio quer demonstrar é que há uma diferença inescapável e fundamental entre o aspecto estritamente controlado do processo de vida no interior do nosso organismo e todas as coisas e fenômenos imagináveis no mundo ou no resto do corpo. Essa diferença é indispensável para compreendermos o alicerce biológico dos processos do *self*.

Um elemento importante a ser ressaltado naquilo que diz respeito à invariância do meio externo é o fato de que o corpo propriamente dito permanecer inseparavelmente ligado ao cérebro em todos os momentos, ou seja, não podemos pensar o cérebro como um órgão separado na medida em que ele faz parte do organismo como um todo. Essa ligação alicerça a geração de sentimentos primordiais e a relação única entre o corpo, como um objeto, e o cérebro, que representa o objeto. O conceito de *proto.self* ajuda a entender essa ideia de um organismo como um todo:

⁷² DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 243-244.

⁷³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 245-246.

O *protosself* é uma plataforma razoavelmente estável, portanto, uma fonte de continuidade. Usamos essa plataforma para inscrever as mudanças causadas pela interação do organismo com seu meio (como quando olhamos para um objeto e o pegamos) ou para inscrever a modificação da estrutura ou estado do organismo (como quando sofremos um ferimento ou temos uma queda excessiva nos níveis de açúcar no sangue). As mudanças são registradas relativamente ao estado corrente do *protosself*, e a perturbação desencadeia eventos fisiológicos subsequentes, mas o *protosself* não contém nenhuma informação além da existente em seus mapas. O *protosself* não é um oráculo em Delfos de prontidão para responder as perguntas sobre quem somos⁷⁴.

10. A construção do self central

Na concepção de Damásio, é preciso ter uma estratégia para construir o *self*, e assim é preciso começar pelos requisitos básicos do *self central*. Com isso, Damásio quer dizer que o cérebro precisa produzir algo na mente que não esteja presente antes, neste caso, um protagonista. A subjetividade começa a ser inerente ao processo quando um protagonista se torna disponível em meio a outros conteúdos mentais, e assim que esse protagonista é coerentemente ligado a alguns dos estados mentais corrente. Deste ponto de vista, deveremos nos concentrar no limiar do protagonista, o ponto no qual os elementos indispensáveis do conhecimento aglutinam-se; em outras palavras, esse é um dos caminhos privilegiados para entendermos como a produção da subjetividade é construída⁷⁵.

Para Damásio, quando retratamos sobre a complexa vida mental que temos, o *protosself* e os *sentimentos primordiais* não bastam para explicar o fenômeno do *self* que geramos. O *protosself* e seus *sentimentos primordiais* constituem uma manifestação importante e culminante da consciência em numerosas espécies vivas. Neste sentido, precisamos de algum processo do *self* que seja intermediário entre os *sentimentos primordiais* e o *self* autobiográfico, o qual nos dá o sentimento de individualidade e identidade. Para Damásio, algo crucial precisa ser mudado no próprio estado do *protosself* para que ele se torne um *self* propriamente dito. Por um lado, é preciso elevar e destacar o perfil mental do *protosself*; por outro lado, precisa-se conectar o *protosself* aos eventos nos quais ele está envolvido. O *protosself* deve protagonizar a narrativa do momento; na mudança crucial do *protosself*, ocorre a interação de um momento para outro momento com um objeto que esteja sendo percebido. Esta interação ocorre dentro de uma estreita proximidade temporal com o processamento sensorial do objeto. Todas as vezes que o organismo se depara com algum objeto, o *protosself* é mudado por este encontro. Isso ocorre, segundo Damásio, porque, para mapear o objeto, o cérebro precisa ajustar o corpo de um modo adequado, pois, assim, os resultados deste encontro serão sinalizados ao *protosself*⁷⁶.

As mudanças iniciam no *protosself* a criação momentânea do *self central*, e, a partir daí, desencadeiam uma série de eventos. Na concepção de Damásio, o primeiro evento da cadeia é “uma transformação no sentimento primordial que resulta em um sentimento de conhecer, um sentimento que diferencia o objeto de outros objetos do momento”. O segundo evento da cadeia é resultante do sentimento de conhecer:

⁷⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 249.

⁷⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 249.

⁷⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 250-251.

É a geração de um “destaque” para o objeto da interação, um processo geralmente designado pelo termo “atenção”, uma convergência de recursos de processamento para um objeto específico mais do que para outros. Assim, o *self* central é criado pela ligação do *protosself* modificado como o objeto que causou a modificação, um objeto que agora está marcado pelo sentimento e destacado pela atenção⁷⁷.

Segundo Damásio, no final deste ciclo, a mente incluirá uma sequência de imagens simples e comuns de eventos; assim, um objeto chama a atenção do corpo ao ser olhado, tocado ou ouvido de uma perspectiva específica, pois nesse sentido isso fez o corpo mudar a presença do objeto que foi sentida, e tal objeto ganhou destaque. Damásio dá grande importância ao corpo na medida em que cérebro e corpo propriamente dito fazem parte de um mesmo organismo. Quando é dito que o corpo reconheceu algumas imagens é pelo fato que o cérebro constrói mapas, e estes mapas têm a função de mostrar os “diversos caminhos fisiológicos”. Por isso é importante entender a discussão que fora feita acerca dos mapas sensoriais⁷⁸.

Para Damásio, a narrativa não verbal destes eventos representa de modo espontâneo na mente o fato de que existe um protagonista, e este protagonista é o eu material. A representação nessa narrativa não verbal cria e revela o protagonista, nos diz Damásio. Este protagonista associa ações que são produzidas pelo organismo e, com o sentimento gerado pela interação com o objeto, assim se engendra uma ação de posse⁷⁹.

A produção da mente consciente está associada ao processo mental que gera uma série de imagens, a saber, as imagens do organismo que são dadas através da representação do *protosself* modificado, isto é, a resposta emocional relacionada ao objeto, ou seja, um sentimento e uma imagem do objeto causativo momentaneamente destacado. Segundo Damásio, o *self* surge “na mente em forma de imagens, contando incessantemente uma história destas interações”. Tais imagens não precisam ser necessariamente intensas; basta que estejam na mente, ainda que sutilmente, para que possamos fornecer uma conexão entre objeto e organismo. Afinal, é o objeto o que mais importa para que o processo seja adaptativo⁸⁰.

Nos cérebros dotados de memória, linguagem e raciocínio se dá o início de condições pelas quais a consciência possa existir, constituindo, deste modo, um protagonista mais sólido e bem mais definido. O *self autobiográfico* só pode ser constituído através de mecanismos referentes ao *self central*, e este mecanismo do *self central* está ancorado no *protosself*⁸¹.

Para o surgimento do *self central*, requer-se uma mudança na condição de vários componentes. Quando um objeto percebido excita uma reação emocional e modifica os mapas interoceptivos gerais, sobrevém uma modificação no *protosself*, assim alterando os *sentimentos primordiais*. Na concepção de Damásio, analogamente, os componentes dos portais sensoriais do *protosself* mudam quando um objeto aciona um sistema perceptual. Em consequência, as regiões envolvidas na produção de imagens do corpo são inevitavelmente mudadas nos sítios de geração do *protosself* – tronco cerebral, córtex insular e córtex somatossensitivo. Estes vários fenômenos geram microssequências de imagens que são introduzidas no processo mental que ajudam na constituição de uma mente consciente⁸².

⁷⁷ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 251.

⁷⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 251.

⁷⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 251.

⁸⁰ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 252.

⁸¹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 252.

⁸² DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 254.

11. O self autobiográfico

Uma autobiografia é feita a partir de recordações pessoais; é uma somatória de tudo aquilo que vivenciamos, inclusive os planos que fazemos para o futuro. O *self autobiográfico* é uma autobiografia que se tornou consciente, na perspectiva de Damásio. O self autobiográfico se baseia em toda a nossa história de vida, seja ela recente ou muito remota. Enquanto o *self central* pulsa incessantemente no nível *online*, variando de sinal, o *self autobiográfico* “vive uma vida dupla”. Qual a razão disso? Por um lado, pode ser manifesto produzindo a mente consciente; por outro lado, pode estar latente com sua infinidade de componentes “aguardando a vez” para entrar em atividade⁸³.

Esta “outra vida” do *self autobiográfico* “ocorre fora da tela”, ou seja, longe da consciência acessível. É possivelmente daí que o self amadurece, graças à sedimentação gradual e a elaboração da nossa memória. Damásio acredita que, conforme as experiências vividas são constituídas e reconstruídas — conscientes ou não conscientes — sua substância é reavaliada e inevitavelmente rearranjada, modificada em maior ou menor grau no que compõe a seu grau de composição factual e acompanhamento emocional. Alguns momentos da recordação são extirpados na “sala de cortes” da mente; todavia, outros são alçados e realçados. Na medida em que os fatos adquirem nova importância, a “música da memória” é tocada de formas diferentes em comparação aos diversos momentos da vida pelos quais qualquer indivíduo tenha passado⁸⁴.

Sob o prisma de uma abordagem neurocientífica, este processo de construção e reconstrução ocorre em grande medida no procedimento não consciente, e pelo que a neurociência tem desvendado, tal processo pode ocorrer até em sonhos, embora por vezes possa emergir na consciência. Este trabalho de construção e reconstrução faz uso da arquitetura de convergência e divergência para transformar o conhecimento criptografado em exibições decodificadas e explícitas no espaço de imagem⁸⁵.

Se pensarmos na grande vastidão de registros do nosso passado ou futuro antevisto, felizmente não precisaremos evocar todos estes conhecimentos em todas as vezes que nosso *self* opera no modo autobiográfico, na medida em que estes conhecimentos dependeram do episódio que estaremos vivendo no momento⁸⁶.

12. A construção do self autobiográfico

Damásio acredita que a construção do *self autobiográfico* ocorre primeiramente com os conjuntos de substâncias de memórias biográficas que são definidoras e que têm que ser agrupados de modo que cada uma possa ser tratada como um objeto individual. Segundo Damásio, cada um destes objetos pode modificar o *protosself* e produzir seu pulso de *self central*, com os respectivos sentimentos de conhecer e o consequente destaque do objeto a reboque. O segundo ponto para a construção do *self autobiográfico* diz respeito a como os objetos em nossa mente são numerosos; assim, o cérebro precisa de mecanismos capazes de coordenar a evocação de memórias, transmitindo-as ao *protosself* para a interação requerida, e mantendo os resultados de interação em um padrão coerente ligado aos referentes objetos⁸⁷.

Para Damásio, a construção do *self autobiográfico* demanda um maquinário neural que seja capaz de obter múltiplos pulsos de *self central*, em um curto espaço de tempo, para

⁸³ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 259.

⁸⁴ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 260.

⁸⁵ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 260.

⁸⁶ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 261.

⁸⁷ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 261.

um numero expressivo de componentes e, por fim, exigir que os resultados estejam temporariamente juntos⁸⁸. Sobre isso, Damásio assim se expressa:

Como hipótese de trabalho, então, digamos que construir o *self autobiográfico* depende de dois mecanismos conjugados. O primeiro é subsidiário de memórias do *self central* e garante que cada conjunto biográfico de memoriais seja tratado como um objeto e tornado consciente em um pulso de *self central*. O segundo realiza uma operação de coordenação no cérebro como um todo, com estas etapas: (1) certos conteúdos são evocados da memória e exibidos como imagens; (2) é possibilitada a interação dessas imagens, de modo ordenado, ou seja, com o *protossself*; (3) os resultados desta interação são mantidos coerentemente durante uma dada janela de tempo⁸⁹.

Damásio quer demonstrar que a construção do *self* requer uma série de fatores na escala evolutiva do homem. O *self* não é algo dado, pois o *self* passou por diversas escalas, seja adaptativa, intermediária ou conhecedora dos objetos em si. Por isso Damásio descreve tais estágios, mostrando que a mente consciente é fruto de um longo processo evolutivo pelo qual o homem passou. O *self* autobiográfico é, até o devido momento, o último estágio de desenvolvimento do homem. Mas é preciso saber que o processo continua, sempre buscando a valoração biológica.

13. Considerações Finais

Como era previsto, a pesquisa tentou delimitar o conceito de *consciência* na perspectiva de Antonio Damásio. Nossas dificuldades se devem, sem dúvida, à vastidão do tema. Por outro lado, uma das principais dificuldades na pesquisa neurofilosófica consiste em tentar conciliar o embasamento científico e experimental com nossa milenar tradição conceitual. No que diz respeito às bases científicas e experimentais que fundam nossa pesquisa, cumpre ressaltar que a neurociência tem galgado grandes passos nos últimos 30 anos, e que esse sucesso muito tem auxiliado na constituição de um arsenal teórico que seja capaz de melhor definir o que é a *consciência*. É claro, como sabemos, que, embora estamos longe de um consenso geral acerca do conceito de *consciência*, é notório os avanços no que diz respeito ao nosso entendimento acerca dos processos que regulam a construção da mente consciente. Saber como o cérebro está estruturado nos ajuda a entender melhor o seu funcionamento e como este funcionamento dá origem a esta faculdade que temos e por meio da qual somos capazes de fazer coisas brilhantes no decorrer de nossas vidas.

Nesse artigo, buscamos defender a noção de *consciência* a partir de um background científico que, acreditamos, é capaz de superar algumas fragilidades da noção dualista de *consciência*. Sabemos, por outro lado, que a noção mais vigente nos meios filosóficos é aquela defendida pelos dualistas, muito embora o crescimento nas neurociências tenha dado passos importantes para construção de um saber mais sólido e estruturado. Ainda haverá muitas pesquisas que nos ajudem a melhor estruturar nossos estudos acerca desse problema: como dissemos, no entanto, ainda estamos longe de ter um consenso sobre o conceito de *consciência*.

⁸⁸ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 261.

⁸⁹ DAMÁSIO, Antônio. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 262.

Referências

DAMÁSIO, Antonio. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, António. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas: Objeções e Respostas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994/1641.

Texto recebido em: 24/6/2013

Aceito para publicação em: 2/7/2013